

MENOS PRECONCEITO É MAIS SAÚDE: conexão entre a ciência e o cotidiano.

Desejamos que este boletim seja o seu encontro bimestral com a Ciência, através da Divulgação Científica (DC) de temas de saúde da população LGBTQIAPN+. A DC visa popularizar o conhecimento científico, divulgando estudos e pesquisas para que os leitores possam conhecer e entender as implicações de seus resultados, tanto no contexto pessoal quanto no ambiente social.

Boa leitura a todos, todas e todes!



Carta a você que nos lê

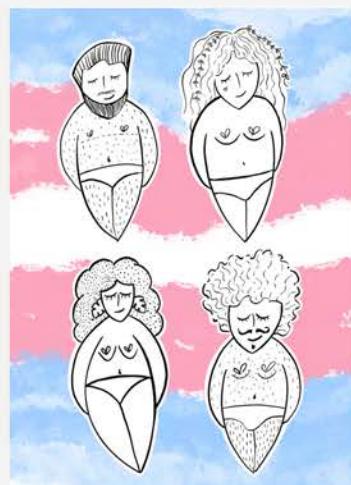
Cara pessoa leitora,

No interior de Minas Gerais é possível encontrar um grupo de plantas conhecidas por manterem suas cores e formas, mesmo após serem colhidas e secas: as sempre-vivas. A colheita dessas plantas é um importante modo de sobrevivência de comunidades tradicionais extrativistas, das quais fazem parte muitas mulheres do campo. E foi pensando em tudo isso que surgiu a série de biografias Sempre-Vivas, à qual o boletim deste mês será dedicado.

A Série Sempre-Vivas é uma iniciativa do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi) da Fundação João Pinheiro (FJP) que tem como objetivo publicar, a cada número, uma biografia coletiva de um grupo de mulheres de Minas Gerais, muitas vezes esquecidas e invisibilizadas. A 3^a edição se debruça sobre as vidas, sonhos, lutas e conquistas de mulheres trans e travestis.

Neste volume abrimos espaço às múltiplas experiências femininas, com atenção especial à dimensão da saúde, convidando os leitores a aprender mais sobre gênero, sexualidade e resistência, além de convocá-los ao comprometimento ético-político de construção de uma sociedade para além da cismatrizidade, e sem transfobia. Venha conhecer mais sobre esse lindo jardim de mulheres Sempre-Vivas!

Aproveitamos para prestar agradecimento a todos que colaboram para a construção do Sempre-Vivas 3, em especial às 12 biografadas: Ale Gonçalves, Ashley Ribeiro, Duda Salabert, Estefane de Souza, Jhulia Santos, Letícia Imperatriz, Lorena Maria de Paiva, Lua Zanella, Natália Cysne, Paola Terra, Sayonara Nogueira e Yascarah Dutra da Silva.



(Imagem retirada do Dicionário de Gênero, Corpo e Sexualidade de A a Z, parte integrante da Série Sempre Vivas 3 / Ilustração: Caio Piastrelli)

TODAS AS NARRATIVAS IMPORTAM!

Neste número do Boletim, nossa colaboradora Luísa De-Lazzari Resende nos convida a pensar sobre uma temática muito importante. Leia, reflita e dedique um tempo para conhecer e reconhecer as obras de autoras trans e travestis!

Você já parou para pensar sobre as lentes que utiliza para enxergar o mundo? Sobre como sua percepção sobre a vida, as questões sociais, as alegrias e os desafios é construída? Já refletiu sobre como você enquadra o seu cotidiano e dá sentido às suas experiências? Pois bem, se a gente se debruçar sobre esse assunto, dá pano pra manga... Como bons mineiros que somos, com um cafezinho coado e um pão de queijo na roda, a prosa flui solta e podemos passar horas conjecturando hipóteses, debatendo ideias, revirando o mundo do avesso.

A verdade é que nossa visão de mundo não nasce com a gente. Ela é moldada por tudo o que nos atravessa: o conteúdo que consumimos, o que assistimos, o que lemos, as pessoas com quem convivemos e nos relacionamos, os afetos e as violências que experenciamos em nossa caminhada. E é justamente por isso que ampliar o repertório de olhares e vozes que escrevem e narram suas próprias existências é urgente. Ainda mais quando falamos de mulheres transexuais e travestis.

Durante muito tempo, as experiências de pessoas transexuais e travestis foram contadas por olhares de fora, quase sempre olhares cisgênero. Essas narrativas,

muitas vezes carregadas de estigmas, simplificaram existências complexas e profundas, inerentes a toda experiência humana. Mas quando as próprias mulheres trans escrevem, quando tomam a palavra falada e escrita, o mundo se revela de outro modo. Vamos então, nessa prosa, puxar a cadeira para as palavras escritas por mulheres transexuais e travestis?

A escrita trans, como apontam autoras como Amara Moira, Letícia Nascimento, Maria Clara Araújo, Jaqueline Gomes de Jesus, e tantas outras, rompe com os enquadramentos limitados da cisgêneridade, heteronormatividade e branquitude. Ler suas narrativas é como ajustar o foco de uma lente embaçada. É se deparar com realidades que muitas vezes passam despercebidas por quem vive sob o conforto da normatividade cisgênera. É entender que a produção de sentidos, o acesso ao desejo, ao corpo, à saúde, à cidade, ao trabalho e ao cuidado é experienciado de forma distinta por quem, desde cedo, é empurrada para as margens. A escrita trans denuncia as violências estruturais, mas também celebra a potência da vida dissidente. É corpo, é política, é memória. É a existência que se recusa ser apagada.

Em textos como os reunidos na terceira edição do Sempre Vivas, vemos como as palavras podem se tornar território de acolhimento e denúncia, de criação e resistência. O que está ali não é apenas literatura ou produção acadêmica. É vida pulsando, exigindo espaço, reivindicando dignidade. Por isso te convido: que tal ler uma autora trans hoje? Que tal se deixar tocar, desconstruir e aprender com outras experiências?

Porque, no fim das contas, escrever também é um jeito de existir e resistir. E quando mulheres trans escrevem, elas não apenas narram suas histórias: elas ressignificam o mundo. Nesse sentido, a escrita de mulheres trans é também uma forma de cuidado coletivo. Ela permite a outras pessoas trans o acesso a referências possíveis, a saberes compartilhados, a elaborações importantes para o processo de autoafirmação de suas identidades. Mais do que isso, é uma forma de ocupar espaços políticos, tensionar o imaginário social e exigir o direito de narrar-se sem aspas e sem as mediações que as silenciem.

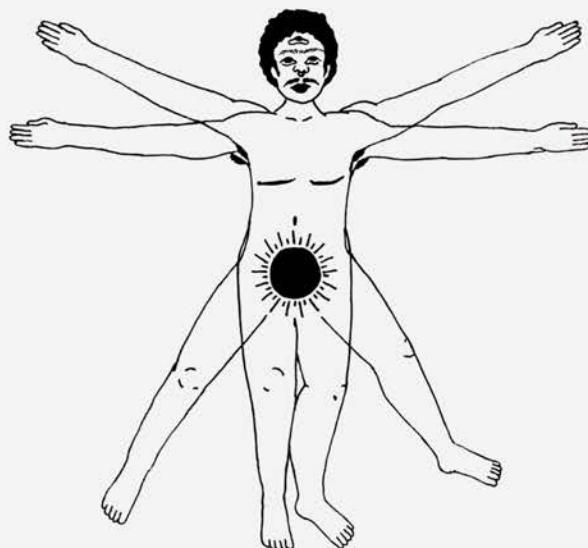
Nós, pessoas trans, tampouco somos meras criações dos discursos normativos sobre o gênero. Nós, pessoas trans, não nos “resumimos” a um algum tipo de projeto social de gênero que “deu errado”, a partir do momento em que você pressupõe algum outro

destino moralmente superior ou correto. A existência de pessoas trans não é moeda de troca pra você teorizar acerca de formas subjetivas supostamente mais livres de violência de gênero. Nossas vidas não se reduzem a “algo que deu errado”, no sentido deste errado como algo moralmente indesejado ou inequivocamente “sofrido”. (Araruna, M. L. “Nós trans - Escrevivências de resistência”. Literatrans, 2017, p. 31).

A escrita trans é um ato de liberdade radical, um grito coletivo. Ela exige que a sociedade se mobilize para incluir, e não o contrário. É um convite e também uma exigência: que se olhe para a complexidade humana sem a lente distorcida do preconceito, e que se reconheça a riqueza de uma existência que se autoafirma, escreve e resiste.

OS PRODUTOS

A terceira edição da coletânea Sempre-Vivas conta com a produção do livro **“Ela Dela: vida e saúde de mulheres trans e travestis de Minas Gerais”**, que reúne a biografia coletiva de 12 mulheres trans e travestis. Nesta publicação são reveladas as vivências da relação familiar, do reconhecimento da identidade de gênero, da orientação sexual, das relações sociais, dos sonhos e das expectativas para o futuro. O livro entrelaça essas narrativas à promoção ou à exclusão do cuidado integral, revelando de que maneira a saúde é vivida, acessada ou negada em suas trajetórias.



(imagem retirada do Dicionário de Gênero, Corpo e Sexualidade de A a Z, parte integrante da Série Sempre Vivas 3 / Ilustração: Bruni Emanuele Fernandes)

Também foi produzido o **“Dicionário de Gênero, Corpo e Sexualidade de A a Z”**, material complementar da edição, cujo objetivo é ajudar as leitoras e leitores na compreensão sobre os termos e temas ligados a gênero e diversidade sexual. Cuidadosamente construído a partir das contribuições textuais e artísticas de pessoas e coletivos que fazem parte da população LGBTQIAPN+, discute os temas sem neura e tabus e traz leveza para a leitura ao introduzir uma boa dica de texto, história ou

filme para se aprofundar.

Por fim, o documentário “**Semana Que Vem Eu Vou: Vivências trans - desafios, dissidências e conformações**”, roteirizado, dirigido e editado por Lua Zanella. A produção revela momentos de intimidade e de luta coletiva de mulheres trans e travestis, com algumas filmagens realizadas durante a III Conferência Municipal dos Direitos das Pessoas LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte. Estrelando suas próprias histórias e narrativas, o filme conta com a participação de Lorena Paiva, Carlete, Lazára dos Anjos, Victoria Pataxó, Sayonara, Juhlia Santos e Amanda Rodrigues. O curta reflete as vivências das mulheres trans e travestis e os desafios para o acesso a uma saúde de qualidade.

IMPORTÂNCIA DA COLEÇÃO

Essa coleção Sempre-Vivas tem como objetivo atravessar a percepção cismotivativa do mundo e convidar a todas, todos e todos a olharem para a complexidade humana sem a lente distorcida do preconceito, como descreve Luísa De-Lazzari Resende. Assim, abre-se espaço para o encantamento diante da pluralidade da experiência humana. Os trechos a seguir revelam como esse encantamento se desdobra nos leitores em aspectos políticos, sociais e pessoais.

Mônica Moreira Esteves Bernardi, vice-presidente da Fundação João Pinheiro: “Ao registrar e reconstruir o percurso de vida das 12 entrevistadas, esta obra pretende dar visibilidade aos inúmeros desafios e às lutas por elas enfrentados e contribuir para conscientizar todas as pessoas sobre a nossa responsabilidade na construção de uma sociedade mais equânime e democrática.” (Bernardi, M. M. E. Ela Dela: vida e saúde de mulheres trans e travestis de Minas Gerais, 2025, p. 12).

Mara Guarino Tanure, diretora-geral da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG): “Assim, o terceiro volume da Série Sempre-Vivas vem descortinar e trazer visibilidade para a importante pauta da saúde das mulheres transexuais e travestis de Minas Gerais.” (Tanure, M. G., Ela Dela: vida e saúde de mulheres trans e travestis de Minas Gerais, 2025, p. 14).

Brune Coelho Brandão, mulher trans e doutora em psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). “As histórias aqui contadas redefinem a visão do cisgenerismo e pressionam a categoria de feminilidade, mostrando os critérios

decréritos e artificiais que a sustentam. As experiências femininas são múltiplas e as mulheres trans e travestis têm tanta legitimidade quanto qualquer experiência localizada no cisgenerismo.” (Brandão, B. C. Ela Dela: vida e saúde de mulheres trans e travestis de Minas Gerais. Literatrans, 2025, p. 18).

CONVITE PARA O LANÇAMENTO

Gostou do boletim deste mês? Então, temos o prazer de convidar você para o lançamento do livro, do dicionário e do documentário da 3^a edição da Série Sempre-Vivas. O evento contará com a participação das mulheres biografadas, das pesquisadoras e pesquisadores, além das ilustradoras e ilustradores. Será um momento de escuta de palestras, abertura ao debate e apresentações artísticas.

Siga nosso Instagram (@menospreconceitoemaissaude) para acompanhar todas as informações sobre data, horário e local do evento do lançamento da coleção. Será muito em breve!

Esperamos você lá!



Siga-nos no Instagram:
@menospreconceitoemaissaude



FICHA TÉCNICA

Produção de conteúdo e redação: Geísa Gonçalves de Castro (Bolsista Fapemig), Luísa De-Lazzari Bicalho Peixoto Resende (ESP/MG) e Maria José Nogueira (ESP/MG).
Revisão: Bruno Reis de Oliveira (ESP/MG).

REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO



Este boletim é uma realização do projeto "Menos Preconceito, é mais saúde: divulgação científica da população LGBT", financiado com recursos da FAPEMIG .